

1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CONCELHO

1.1 Localização e Enquadramento Territorial

O Concelho de Pedrógão Grande localiza-se na Região Centro, e segundo a Nomenclatura da Unidade Territorial para Fins Estatísticos (NUT – nível III) enquadra-se no Pinhal Interior Norte, (Figura1).

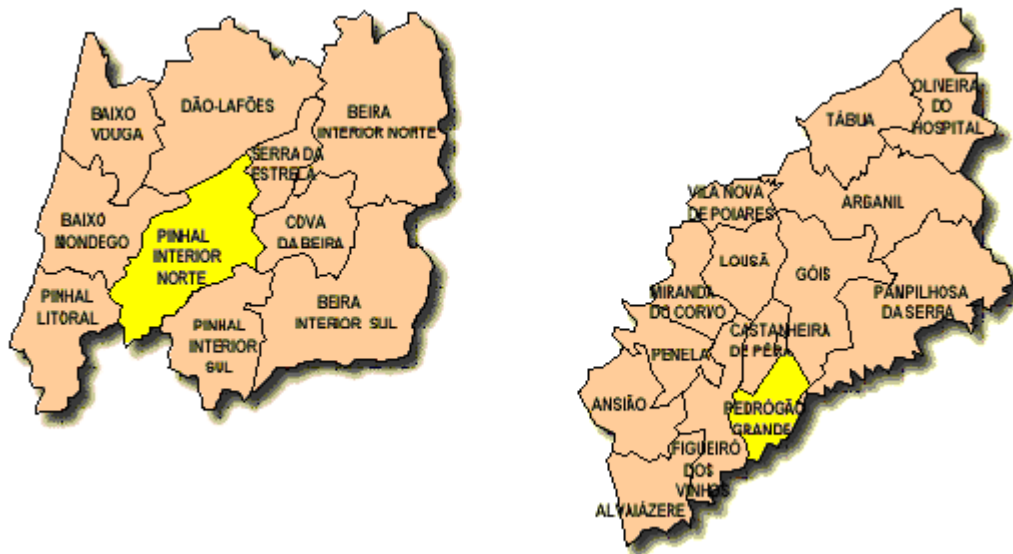


Figura 1 – Região Centro e Pinhal Interior Norte

O Concelho de Pedrógão Grande ocupa uma área de 128,6 km², sendo a sua divisão administrativa composta por 3 freguesias, Graça (3143,73 ha), Pedrógão Grande (8025,40 ha) e Vila Facaia (1705,82 ha), perfazendo um total de 96 povoações.

2 CARACTERIZAÇÃO FÍSICA

O concelho de Pedrógão Grande apresenta uma topografia variada, que se traduz pela amplitude de classes que evidenciam altitudes compreendidas entre os 130 metros e os 900 metros, como se pode verificar no Modelo Digital de Terreno que se apresenta no Anexo A.

No sul do concelho predominam altitudes inferiores a 300 metros com destaque para os espaços fronteiros do Rio Zêzere, onde a altimetria desce até níveis próximos dos 100 metros.

Progressivamente para Norte assiste-se ao aumento nítido da hipsometria, atingindo-se 561m no Valdeiro, 641m no Alto da Ponte, 725 m no Muro e 781 m na Gestosa.

2.1 Declive

Na Carta de Declives, que se apresenta no Anexo B, é possível observar a distribuição dos declives através de uma série de classes de amplitudes.

Verifica-se que 21,2% do concelho apresenta declives superiores a 30%, enquanto 24,7% se situa na classe compreendida entre os 0% e os 7%. A classe dos 7% a 15% tem uma representatividade de 19,9%, a classe dos 15% a 22% representa 19,7% e a classe dos 22% a 30% representa 14,4%.

Conforme se pode observar na Carta de Declives, é no Norte do concelho e nas áreas adjacentes aos principais cursos de água que se registam os maiores declives. A classe com maior representatividade (7,5% a 15%) coincide com as baixas agrícolas do concelho, associadas aos aglomerados populacionais.

2.2 Exposição

A carta de exposições, apresentada no Anexo C, dá-nos uma perspectiva global distribuição geográfica das várias classes de exposição.

Ao analisar o mapa, verifica-se uma predominância de exposições a Norte (cerca de 46% do território municipal). A exposição Oeste é a que apresenta menor representatividade no concelho. As exposições Este e Sul são os quadrantes com menor representatividade.

2.3 Hidrografia

Pedrogão Grande pertence à bacia hidrográfica do Zêzere, sendo este a linha de água mais importante do concelho. Outros cursos de água com alguma importância são as ribeiras de Mega, de Frades, de Pêra e da Bouçã. A rede hidrográfica do concelho é apresentada no Anexo D.

A rede hidrográfica encontra-se hierarquicamente organizada da seguinte forma:

Rio Principal	Rio Zêzere
Afluentes de 1.ª ordem:	Rio Unhais
	Ribeira de Pêra
	Ribeira de Nodel
	Ribeira da Bouçã
Afluentes de 2.ª ordem:	Ribeira de Unhais
	Ribeira de Mega
	Ribeira da Louriceira
	Ribeira dos Pesos
	Ribeira de Frades
	Ribeira dos Covais

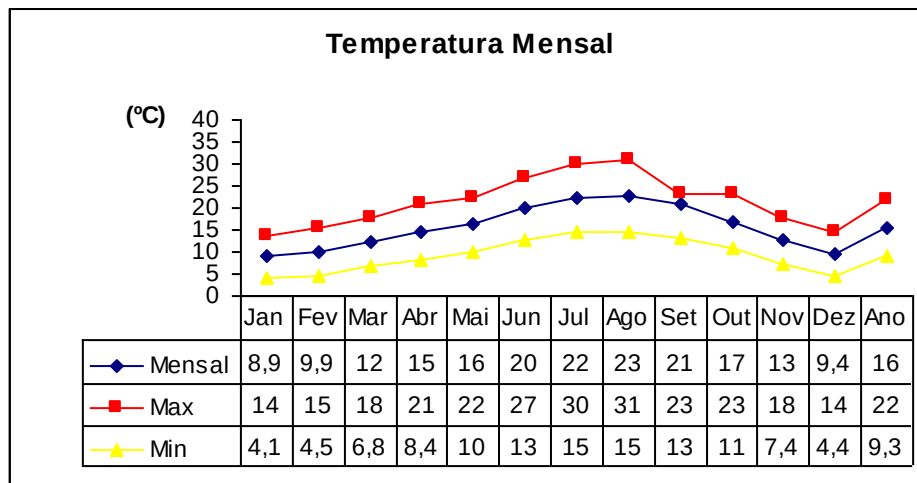
3 CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

A caracterização climática é realizada com base em dados de precipitação e temperatura, provenientes das Normais Climatológicas do Instituto de Meteorologia.

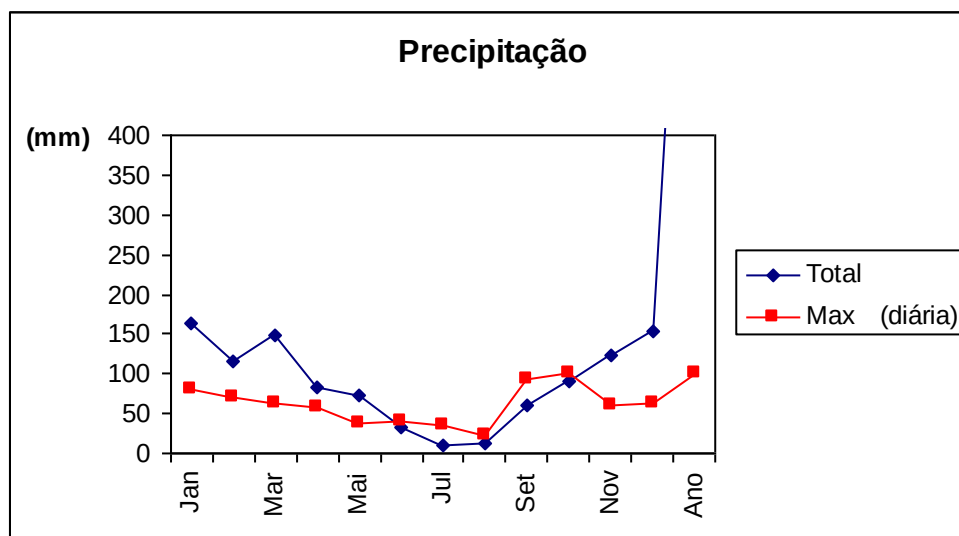
No concelho de Pedrogão Grande não existem estações meteorológicas ou postos udométricos. Assim, a análise apresentada baseou-se na informação da estação meteorológica do Rego da Murta.

3.1 Temperatura e Precipitação

Como se pode observar na Figura 2, a temperatura média anual é de 16°C, sendo o mês mais quente o mês de Agosto com temperatura média de 23°C e o mais frio o mês de Janeiro com 8,9°C. A média das máximas e mínimas registam-se nos meses de Agosto e Janeiro, com 31°C e 4,1°C, respectivamente.

**Figura 2: Temperatura mensal**

Da análise da figura 3 podemos concluir que valor total da precipitação é de 1051,7 mm, sendo Dezembro e Janeiro os meses mais chuvosos, com uma precipitação média de 152,3 mm e 162,3 mm, respectivamente. O mês de Julho é o menos chuvoso com 10,9 mm. Em relação aos valores de precipitação máxima diária, o valor mais alto durante o período considerado, foi atingido em Outubro com 100 mm.

**Figura 3: Precipitação mensal**

Analisando a distribuição da temperatura e da precipitação verifica-se que as temperaturas mais altas estão associadas a precipitações menores, demonstrando características dum clima mediterrâneo. Estando os caudais

A ocorrência de precipitações na ordem dos 100 mm/dia é causa de regime torrencial dos cursos de água, estando os caudais sujeitos a variações bruscas que provocam a inundação dos campos ribeirinhos.

3.2 Humidade

A humidade compreende a quantidade de vapor de água presente no ar num determinado momento. Como é do conhecimento geral existe uma correlação positiva entre o grau de saturação do ar e a pluviometria. Assim, não surpreende que os meses mais significativos de humidade relativa.

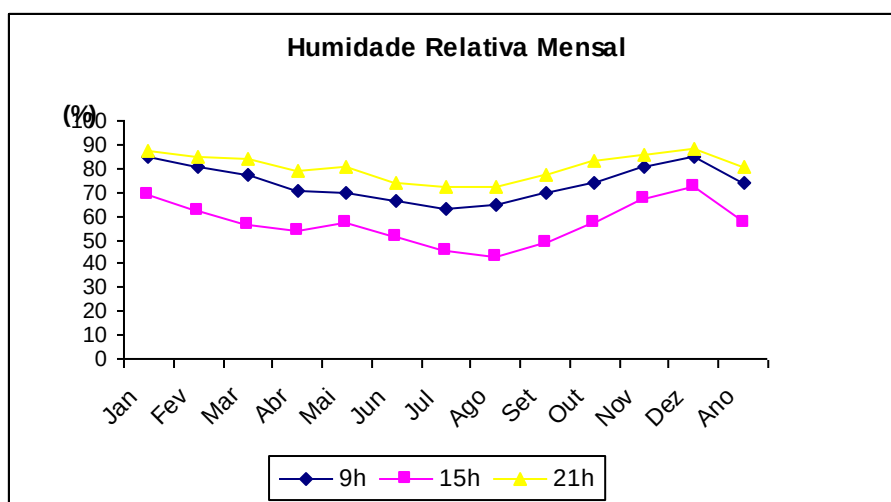


Figura 4: Humidade relativa mensal

Como se pode observar na figura anterior, a humidade relativa média anual é de 81% registada às 21 horas, sendo o mês de Dezembro, o mais húmido com uma humidade média de 88% e o mês menos húmido o de Agosto com uma humidade média de 43%, registada às 15 horas.

3.3 – Ventos Dominantes

Os ventos sopram predominantemente nos quadrantes Norte (25,61%), a Nordeste (15,77%) e Noroeste (15,42%).

Desta forma, o território municipal sofre durante a maior parte do ano, a influência de massas de ar de trajecto atlântico e que determina as características climáticas.

4 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

O concelho de Pedrógão Grande tem vindo a perder população com algum significado tendo registado na última década dos censos, 1991-2001, uma descida de 5,3%, à semelhança da sub-região em que se insere, Pinhal Interior Norte, ainda que com expressão muito inferior 0,6%, contrariando a tendência verificada ao nível da região centro e do país que registaram, no mesmo período, crescimentos populacionais na ordem dos 4% e 5%, respectivamente.

De acordo com os censos de 2001, o concelho registava 4398 habitantes, distribuídos pelas três freguesias: Graça, Pedrógão Grande e Vila Facaia. Apresenta uma densidade populacional de 34 habitantes/km², ou seja, cerca de um terço da registada no continente.

Tabela 1: População residente e sua variação

Freguesias	Área Km ²	População residente		Variação %	Densidade (hab./km ²)	
		1991	2001		1991	2001
Graça	31,3	967	908	- 6,1	30,9	28,0
Pedrógão Grande	80,2	2836	2788	-1,7	35,4	35,0
Vila Facaia	17,4	840	702	-16,4	48,3	38,0

Da análise da tabela anterior, nota-se um pequeno diferencial em termos de densidades populacionais registadas nas freguesias do concelho, verificando-se que em todas ocorreu um pequeno decréscimo na última década. A freguesia de Vila Facaia foi a que sentiu a maior redução na população residente. Sendo no entanto a que apresentava em 2001 a densidade mais elevada, cerca de 38 hab/km². A freguesia da Graça, por sua vez, é a que apresenta a densidade mais baixa, registando apenas 28 hab/km² (Anexo E).

A evolução da população do concelho de Pedrógão Grande, à semelhança do verificado no país, registou ao longo dos tempos, também, no seu comportamento os fenómenos que marcam vários momentos de regressão e crescimento populacional.

Pela análise do quadro seguinte verifica-se que com 8239 habitantes, era importante o significado populacional do concelho em 1960, se comparado com os 4398 habitantes registados em 2001. No entanto, no período 60-70 o decréscimo populacional que sofreu, tendo sido marcado por um grande surto migratório, resultando que no concelho de Pedrógão Grande tivesse ocorrido a sua maior regressão populacional, que atingiu os 39,5%.

Tabela 2: População residente e sua variação (1960 – 2001)

Ano	Total	Variação
1960	8239	-
1970	4985	-39,5
1981	5842	17,2
1991	4643	20,5
2001	4398	-5,3

Na década seguinte, 70-80, registou-se já um importante crescimento da população do concelho, resultado do retorno dos emigrantes e ex-colonos, bem como da melhoria generalizada em todo o país das condições de vida da população. Na década 81-91 esta tendência de crescimento manteve-se registando o mais importante acréscimo populacional do concelho, atingindo os 20,5%.

A partir daqui retoma a perda populacional, a avaliar pelo comportamento ocorrido na última década, 1991-2001, manifestando uma tendência de regressão populacional importante, tendo verificado um decréscimo de 5,3%.

Tabela 3: Evolução da Estrutura etária da população do concelho

Anos	Classes Etárias			Total
	0-14	15-64	65 ou mais	
1960	1831	5315	1061	8239
%	22,6	64,5	12,9	100
1970	840	3060	1085	4985
%	16,9	61,4	21,8	100
1981	943	3560	1339	5842
%	16,1	60,9	22,9	100
1991	654	2689	1300	4643
%	14	58,0	28,0	100
2001	508	2474	1416	4398
%	11,5	56,3	32,2	100

Pela análise da tabela anterior verifica-se que a classe etária com 65 e mais anos, foi a única que registou no concelho uma evolução positiva na última década (1991-2001), de cerca de 8,9%, tendo ocorrido uma redução significativa das outras classes, com especial relevo para a classe populacional de base dos 0-14 anos, com uma redução na ordem dos 22,3%.

O envelhecimento progressivo da população, reflecte-se acentuadamente na leitura dos índices de envelhecimento e de juventude, determinados pela relação da população mais idosa (65 e mais anos) com a população mais jovem (0-14 anos), verificando-se que evoluíram inversamente no seu comportamento (Anexo F).

4.1 População por lugar

A população do concelho encontra-se distribuída pelos inúmeros lugares que o compõem, sendo eles: Adegas, Agria, Alagoa, Aldeia das Freiras, Altardo, Atalaia Cimeira, Atalaia Fundeira, Barraca da Boavista, Campelos, Carreira, Carvalheira Grande, Carvalheira Pequena, Casal d'Além, Casal da Francisca, Casal dos Ferreiros, Casalinho, Castelo, Coelhal, Covais, Cume, Derreada Cimeira, Ervideira, Escalos Cimeiros, Escalos do Meio, Escalos Fundeiros, Figueira, Graça, Lameira Cimeira, Louriceira, Marinha, Marroquil, Mega Fundeira, Mó Grande, Mó Pequena, Moleiros, Mosteiro, Nodeirinho, Outão, Ouzenda, Pé da Lomba, Pedrógão Grande, Peninha, Pereira, Pesos Cimeiros, Pesos Fundeiros, Picha, Pinheiro Bordalo, Pinheiro Bolim, Pobrais, Ramalho, Regadas Cimeiras, Romão, Salaborda Nova, Salaborda Velha, Soalheira, Sobreiro, Tojeira, Troviscais Cimeiros, Troviscais Fundeiros, Vale da Manta, Vale da Nogueira, Vale de Góis, Vale do Barco, Valongo, Várzeas, Venda da Gaita, Vergeira e Vila Facaia.

Tabela 4: População no concelho por lugar

População	(10-99)		(100-199)		(200-499)		(1000-1999)		Isolados
	N.º lug.	% Pop.	N.º lug.	% Pop.	N.º lug.	% pop.	N.º lug.	% pop.	
1991	61	58,2	5	15,8	-	-	1	20,8	5,2
2001	64	59	4	13	1	6	1	21	1

Fonte: Censos 2001

De acordo com os censos de 2001 (tabela 4) verifica-se que o maior número de lugares do concelho apresentam-se pouco populoso, sendo que 64 dos 70 lugares que o compõem pertencem à classe populacional que compreende 10-99 habitantes.

A elevada concentração populacional em apenas um lugar, pertencente ao escalão populacional de 1000 a 1999 habitantes, corresponde ao lugar de Pedrógão Grande, centro da freguesia e sede do concelho. Este facto está associado à maior capacidade de oferta de condições.

Em termos gerais conclui-se que mais de metade da população vive em lugares com menos de 100 habitantes.

4.2 População segundo os sectores de actividade

A avaliação da população por sector de actividade permite-nos fazer uma breve caracterização económica da população activa do concelho.

Do total de 4393 indivíduos residentes no concelho de Pedrógão Grande em 2001, cerca de 1535 tinham actividade económica, o que corresponde a uma taxa de actividade de 34,9%. As pessoas empregadas correspondem a 93% da população.

Tabela 5: População empregada por sector de actividade

	Sector Primário	Sector Secundário	Sector Terciário
Graça	11	33	55
Pedrógão Grande	7	26	67
Vila Facaia	10	35	54

Pela análise da evolução da população activa verifica-se que o sector terciário é o mais representativo na estrutura sócio-económica nas três freguesias (Anexo G).

O sector primário é o que surge com valores inferiores. Este facto, no contexto deste plano, surge como uma preocupação, uma vez que Pedrógão Grande é um concelho rural, reflectindo um abandono da gestão florestal.

5 OCUPAÇÃO DO SOLO

No que diz respeito à ocupação do solo e partindo da observação da Carta de Ocupação do Solo que se apresenta no Anexo H, e do quadro seguinte, destaca-se a ocupação florestal.

Tabela 6: Ocupação do solo no concelho de Pedrógão Grande

FREGUESIA	OCUPAÇÃO DO SOLO (ha)					
	Agrícola	Florestal	Improdutivos	Incultos	Superfícies	Áreas
Graça	379,4	1907,5	351,4	274,2	100,6	130,9
Pedrógão Grande	792,7	4522,8	1005,2	831,5	439,7	433,6
Vila Facaia	251,3	1285,2	79,5	--	--	89,9
Total	1423,4	7715,5	1436,1	1105,7	540,3	654,4

A floresta constitui a forma mais expressiva de ocupação do solo do concelho de Pedrógão Grande, representando em termos de área cerca de 7715,5 hectares (há). Observando a Tabela 6 pode verificar-se que a ocupação florestal é dominante, enquanto que aos terrenos incultos e improdutivos é atribuída a segunda forma de ocupação mais representativa, num total (2541,8 ha). Com valores mais modestos, na ordem dos 1423 ha, aparece a ocupação agrícola e com pouco significado os recursos hídricos e os espaços sociais.

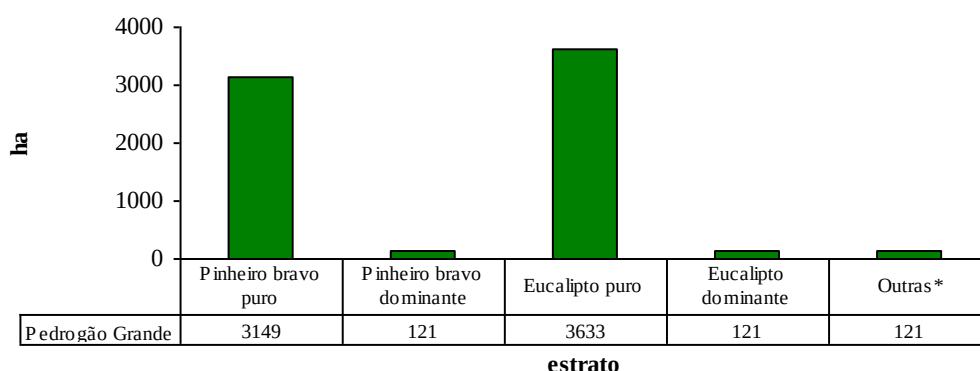
As zonas agrícolas encontram-se dispersas por todo o concelho, coincidindo com as áreas adjacentes aos aglomerados urbanos.

Tabela 7: Distribuição das da área florestal

ESPÉCIE FLORESTAL	OCUPAÇÃO DO SOLO (ha)
Cortes e novas	1730,2
Folhosas	881,5
Povoamentos mistos	1853,4
Resinosas	3250,4
Total	7715,5

As áreas de resinosas ocupam uma área significativa do coberto florestal do concelho, cerca de 3250 hectares (cerca de 42,13% da área florestal).

Além de ser a forma mais expressiva de ocupação do solo no concelho de Pedrógão Grande, como se referiu anteriormente, também é o objecto de interesse primordial do presente estudo. Por conseguinte, recorrendo aos estudos de referência já citados (Saldanha et al., 1992; CBE, 1999), proceder-se-á a uma caracterização exaustiva da ocupação florestal.



Fonte: CBE (1999).

* povoamentos puros e mistos de outras folhosas e resinosas

Figura 5: Composição dos povoamentos florestais.

A análise da Figura 5 evidencia a predominância de povoamentos puros de eucalipto com 50,8% seguido dos povoamentos puros de pinheiro bravo com 41,1%. Com menor representatividade surgem os povoamentos dominados pelas mesmas espécies, com taxas individuais de ocupação de 1,7%. Analisando estes dados em conjunto com os do Inventário Florestal Nacional de 1981 (DGF, 1991) verifica-se uma diminuição da importância do pinheiro em termos de área em cerca de 50% (7830 ha em 1981). Comparativamente, o eucalipto registou um aumento de 3143 ha (490 ha em 1981).

5.1 Instrumentos de Gestão do território

A Câmara Municipal com o apoio da Associação dos Produtores e Proprietários Florestais do Concelho de Pedrógão Grande (APFLOR) tem desenvolvido um trabalho preservação do património florestal do concelho através de candidaturas a programas de apoio à preservação e protecção florestal.

O projecto AGRIS, acção 3, sub-acção 3.4 – “Prevenção de Riscos Provocados por Agentes Bióticos e Abióticos”, em execução para a totalidade do concelho e o programa de Sapadores Florestais são ferramentas que neste momento estão disponíveis e em desenvolvimento no concelho.

Os trabalhos desenvolvidos desde 2004 referem-se a acções de gestão de combustíveis, intervenções culturais e construção e beneficiação de infra estruturas.

A APFLOR candidatou-se a duas Zonas de Intervenção Florestal, que estão a aguardar parecer da Direcção Geral dos Recursos Florestais.

As Albufeiras do Cabril e da Bouça estão sujeitas a um plano de ordenamento especial – Plano de Ordenamento de Albufeiras (POA). Este plano surgiu da necessidade de existência de regras de uso do solo que disciplinem a localização e a realização de actividades nos planos de água e nas margens da albufeira. A área do concelho afectada a este plano é apresentada no Anexo I.

5.2 Zonas de Recreio e Caça

O Concelho de Pedrógão Grande encontra-se abrangido pela Zona de Caça Municipal, com uma área de 7420 hectares.

Salienta-se ainda a existência de um parque de campismo inserido em espaços florestais, localizado na vila de Pedrógão Grande junto à albufeira do Cabril.

Estas estruturas estão representadas no Anexo J.

5.3 Romarias e Festas

A informação relativa a festas e romarias realizadas em espaço rural e ou florestal de modo a tomar medidas preventivas e de sensibilização nos cuidados a ter com o uso do fogo e de foguetes, que apenas são passíveis de utilização fora do período crítico de incêndios florestais e a planear-se estratégias de vigilância municipal (Anexo K).

6 ANÁLISE DO HISTÓRICO E DA CAUSALIDADE DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS

Os incêndios florestais impõem-se, à população local e à comunidade técnica e científica, como um grave problema associado aos evidentes impactos que geram, designadamente ao nível ecológico, social e económico, como também da paisagem rural que tem sofrido nalgumas regiões alterações na sua fisiografia. Neste sentido, os incêndios florestais têm sido objecto de várias medidas legislativas que visam uma diminuição do número fogos e da área ardida. Tais medidas alicerçam-se pela implementação de princípios e normas de base que consagram aspectos como a conservação dos recursos genéticos florestais, manutenção da biodiversidade e da exploração desses recursos, tendo por base o conceito de sustentabilidade.

O Concelho de Pedrógão Grande está inserido na zona crítica Z9, o que significa zona extremamente sensível (classificada pelo Decreto-Lei 55/81 de 18 de Dezembro).

No anexo L, apresenta-se a cartografia da distribuição e localização dos incêndios ocorridos no concelho nos últimos 15 anos.

O tratamento dos dados referentes aos incêndios florestais no concelho foi efectuado tendo como base os dados publicados pela Direcção Geral dos Recursos Florestais (DGRF).

6.1 Área ardia e Ocorrências – Distribuição Anual

Foi efectuada uma primeira análise à distribuição anual da área ardida e n.º de ocorrências, nos últimos 26 anos (1996-2005). Pela análise da figura podemos verificar que os anos mais críticos foram 1983, 1985, 1991 e 2005, com áreas ardidas superiores a 1000 hectares, salientando negativamente o ano 1991 em que foram consumidos 4810 ha. O ano 1985, à excepção de 2005, foi o ano em que se registaram mais ocorrências (100).

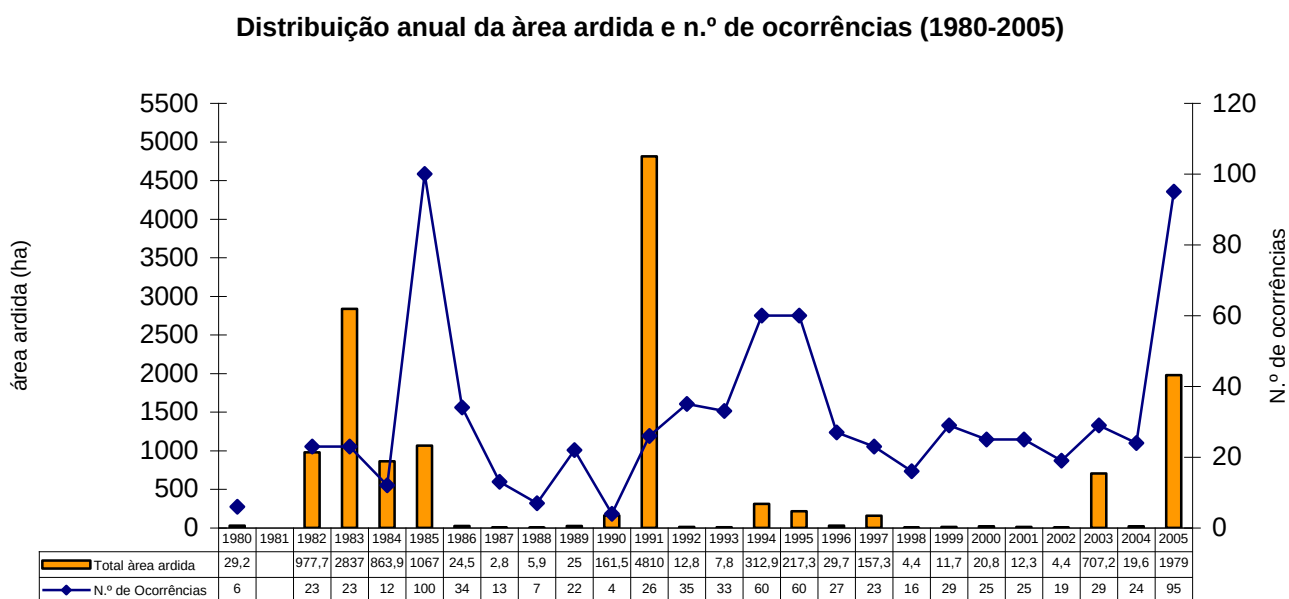


Figura 6: Distribuição anual da área ardida e n.º de ocorrências

Se analisarmos os dados ao nível da freguesia, para o período 2000-2004, verifica-se que a freguesia de Pedrógão Grande é a que regista a maior área ardida e maior n.º de ocorrências. No entanto os valores de área ardida só correspondem a 1,7% da área total da freguesia.

No ano 2005, a freguesia da Graça registou a maior taxa de área ardida, cerca de 30%. Em termos de ocorrências foi na freguesia de Pedrógão Grande que se registaram a maioria das ignições (Figuras 7 e 8).

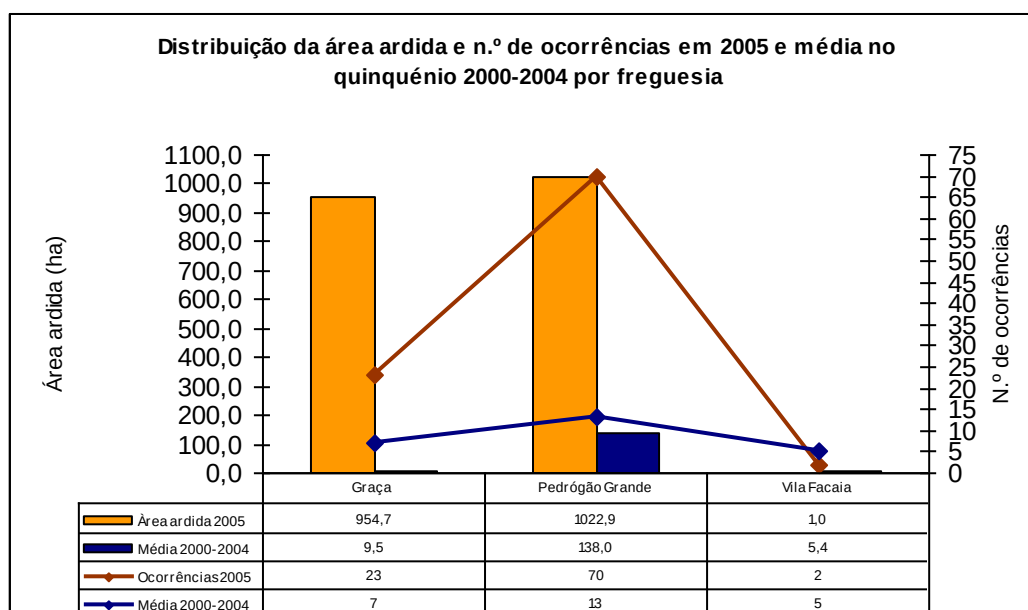


Figura 7– Distribuição da área ardida e n.º de ocorrências por freguesia

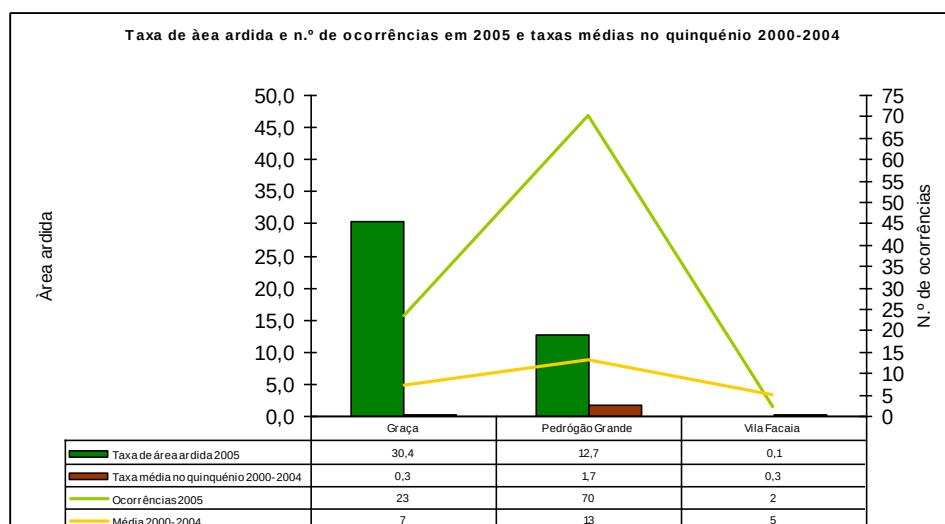


Figura 8: Taxa de área ardida e n.º de ocorrências

6.2 Áreas Ardidas e Ocorrências – Distribuição Mensal

Pela análise da Figura 9 podemos verificar que no período em análise (1996-2004) o mês de Junho foi o mais problemático em termos de área ardida, cerca de 78%. Ao analisar o n.º de ocorrências os meses de Junho e Setembro são os que registam maior número de ignições. O ano de 2005 não contrariou esta tendência.

No entanto, há a salientar o mês de Fevereiro de 2005 com 7 ocorrências que consumiram 20 hectares. Destas ocorrências salienta-se uma, no dia 14, que consumiu 14 hectares, consequência do uso do fogo na gestão agrícola (borralheiras).

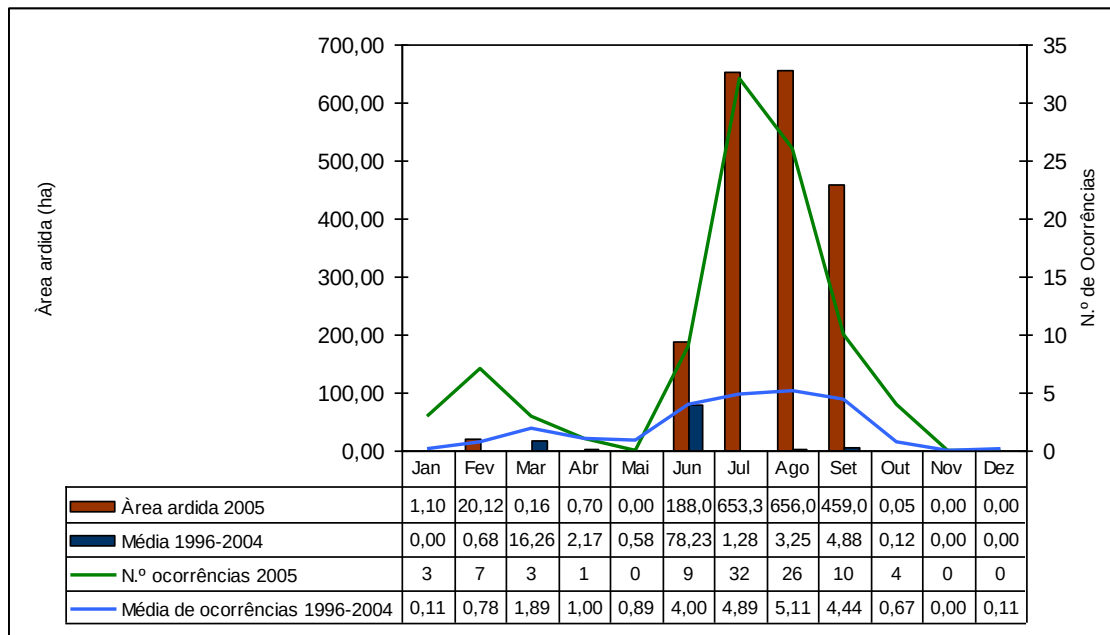


Figura 9: Distribuição mensal

6.3 Áreas Ardidas e Ocorrências – Distribuição Semanal

Relativamente à distribuição da área ardida e do número de ocorrências de incêndios pelos dias da semana (Figura 10), no período 1996-2005, verificamos que a Quarta e a Sexta são os dias em que se regista maior área ardida. O sábado é o dia com mais ocorrências neste período.

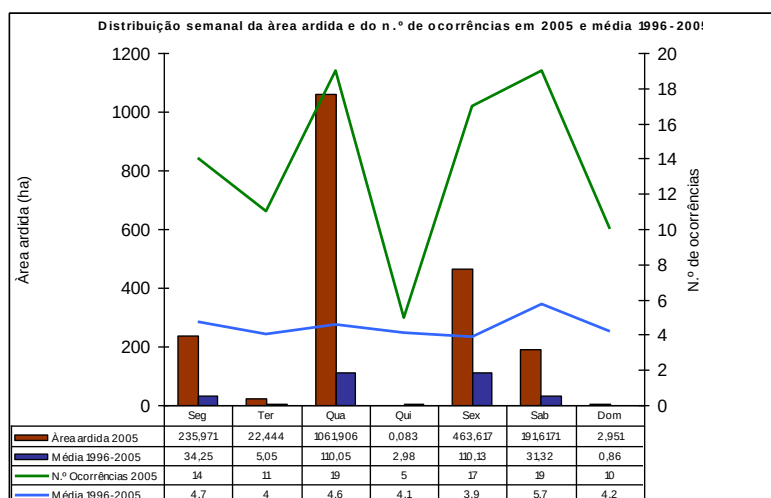


Figura 10: Distribuição semanal

Analisando apenas o ano 2005, podemos verificar que a quarta-feira foi o dia da semana em que se registou a maior área ardida. O maior número de ocorrências verifica-se à quarta, Sexta e Sábado. Assim, em termos de DFCI, deve-se ter especial atenção nestes dias da semana.

6.4 Áreas Ardidas e Ocorrências – Distribuição Horária

No período em análise e olhando para a distribuição horária dos incêndios podemos concluir que o período das 13 às 17 é o período crítico em termos números de ocorrências, registando-se um pico entre as 14 e as 15 horas.

Salienta-se ainda o facto de ocorrerem ignições a todas as horas do dia, especialmente entre as 23 e as 24 horas em que se registaram 19 ignições.

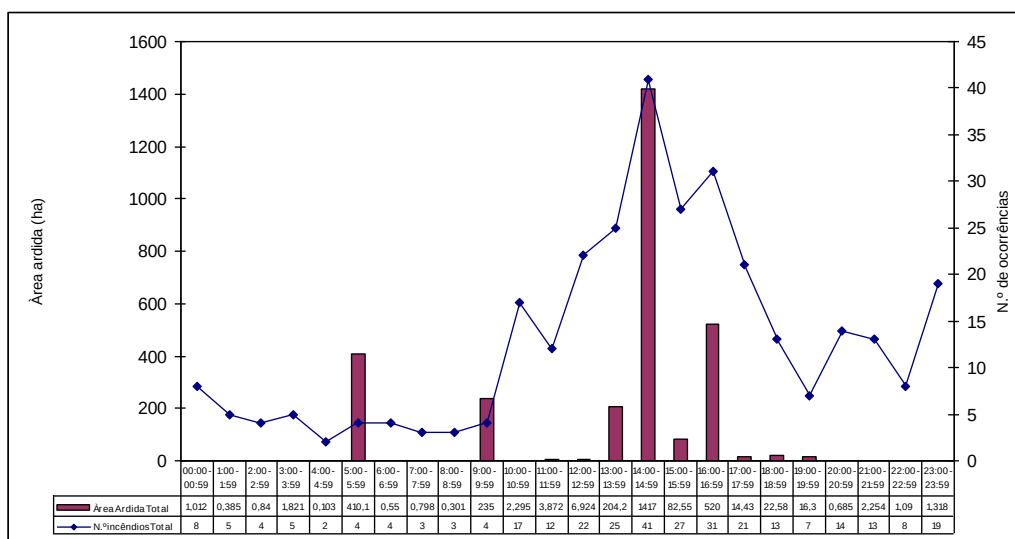


Figura 11: Distribuição Horária

Em termos de DFCI, esta análise permite-nos definir uma estratégia de prevenção e vigilância dos espaços florestais, bem como dos horários e turnos de vigilância.

6.5 Áreas Ardidas por Tipo de Coberto Vegetal

Ao analisar a figura referente às áreas ardidas por tipo de coberto (figura 12) conclui-se que a área de matos ardida no concelho é insignificante, ocorrendo a maioria dos incêndios em povoamentos florestais.

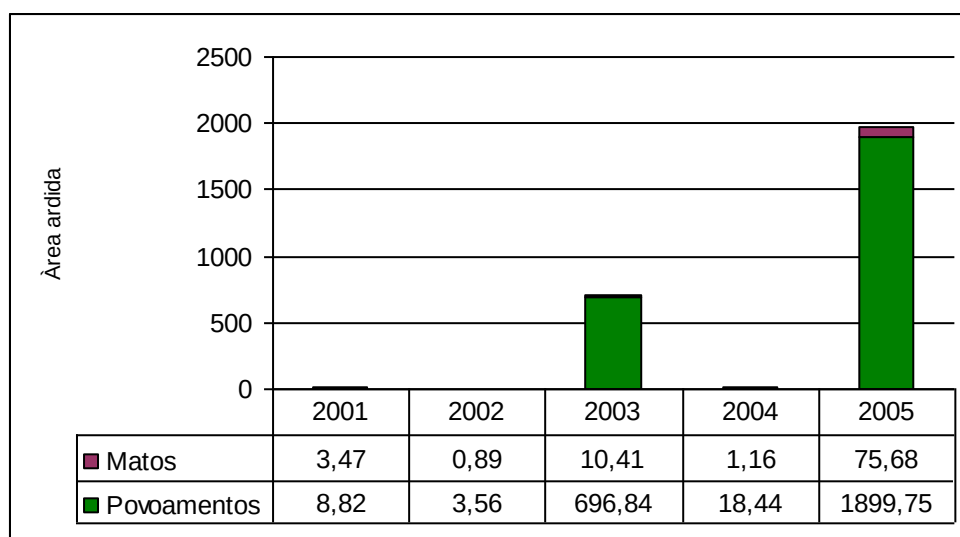


Figura 12: Distribuição por tipo de coberto vegetal

6.6 Áreas Ardidas por Classes de Extensão

Analisando a informação disponível relativa aos incêndios no concelho, verifica-se que a maior parte das ocorrências se situam na classe 0-1 há e apenas se registam 6 ocorrências com áreas superiores a 100 ha, que se registaram no ano de 2005.

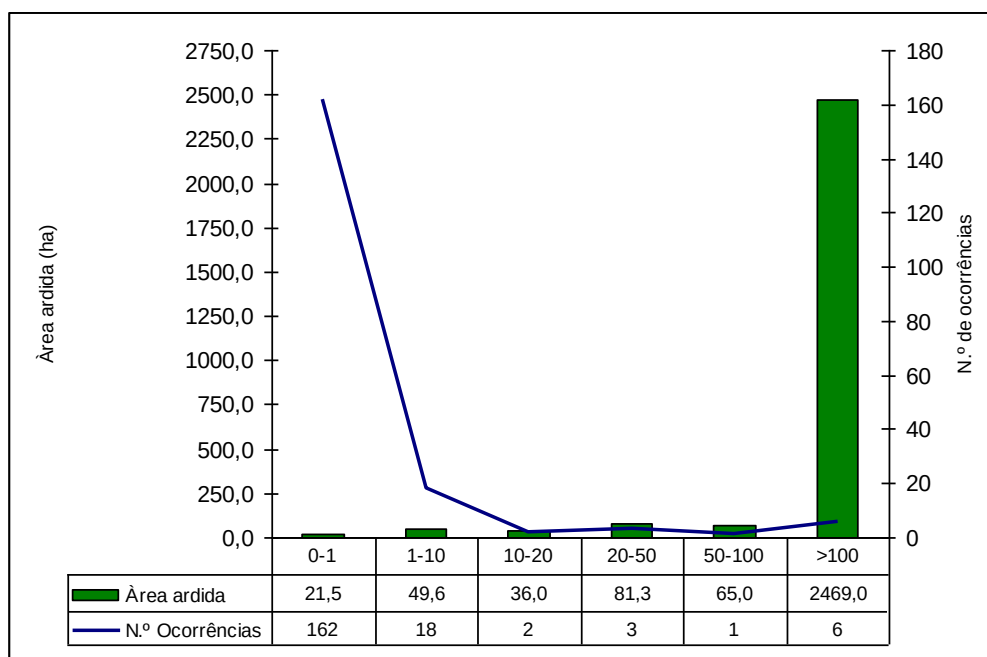


Figura 13: Número de ocorrências por classes de extensão

6.7 Fontes de Alerta

A informação relativa ao registo do número de ocorrências por fonte de alerta diz respeito ao período 2001 – 2005. A informação disponibilizada pela DGRF poderá não conter a informação mais precisa relativa aos alertas dados pela Vigilância Móvel efectuada a nível municipal. No entanto a informação apresentada é a disponibilizada pela DGRF.

A figura seguinte apresenta a informação relativa ao número de ocorrências por fonte de alerta, verificando-se que 33,3% dos alertas foram dados pelos postos de vigia e 27,6% por populares.

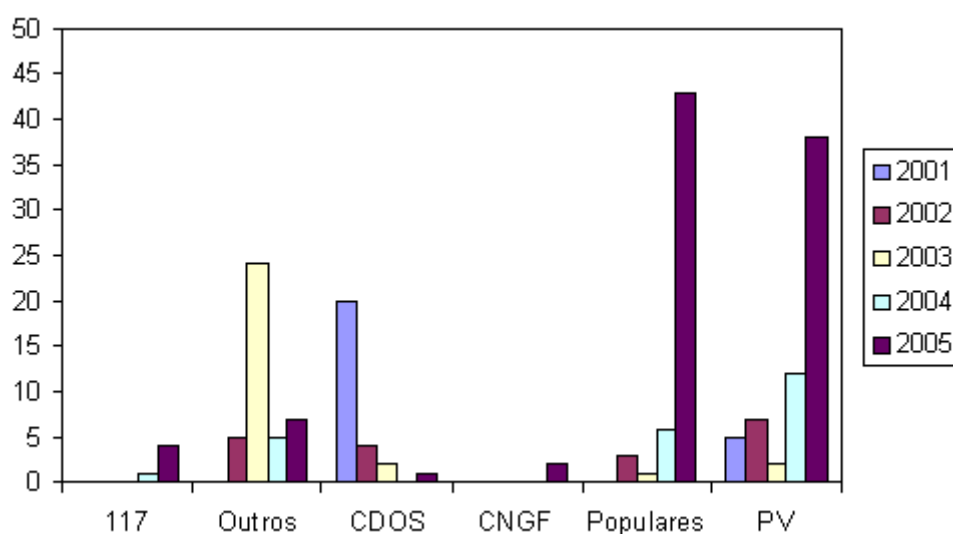


Figura 14: Distribuição do nº de ocorrências por fonte de alerta

6.8 Causas dos Incêndios

O conhecimento das causas dos incêndios é de extrema importância de forma a definir uma estratégia de sensibilização da população para redução das ignições ocorridas no concelho.

Entre 1996 e 2005, das 312 ocorrências registadas, apenas 159 (51%) foram investigadas e identificadas. No quadro seguinte apresentam-se o nº de ocorrências e respectivas percentagens por tipo de causas.

Tabela 8: Causa dos incêndios

Causas/código	Número de ocorrências	%
Uso do fogo	1	0,6
Acidentais	2	1,3
Desconhecidas	5	3,1
Estruturais	9	5,7
Incendiarismo	4	2,5
Natural	2	1,3
Reacendimentos	10	6,3
Intencional (4, 448, 449)	106	66,7
Negligência (122, 124, 152, 211)	20	12,6
Total	159	

Como se pode verificar, pela análise do quadro anterior, 66,7% das ocorrências são atribuídas a atitudes intencionais e 12,6% a negligência. Estes dados em termos de DFCI levam-nos a definir uma estratégia de sensibilização das populações de forma a diminuir as causas por negligência e apostar forte numa vigilância dissuasora, em conjunto com as autoridades policiais de forma a identificar os responsáveis pela elevada percentagem de causas intencionais.

ANEXOS